

Alexandra Sofia Duarte Santos

Nº de aluno: 19431

Violência no Namoro em Jovens que Vivenciam Pobreza e Exclusão Social

Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e da Educação

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Márcia Machado  
Coorientação do Professor Doutor Francisco Machado, Instituto Universitário da  
Maia

Setembro de 2014

## **Agradecimentos**

Ao finalizar este percurso importante da minha vida queria agradecer a todos aqueles que me apoiaram nesta longa caminhada.

Em primeiro momento gostaria de agradecer aos Professores que me acompanharam nesta caminhada, e sempre demonstraram uma grande compreensão e orientação, sobretudo uma grande obrigada aos meus orientadores Professora Doutora Márcia Machado e ao Professor Francisco Machado pela compreensão e orientação/supervisão que me deram ao longo de todo o período da elaboração da Dissertação.

Um especial agradecimento aos elementos que colaboraram neste estudo.

A minha querida família em especial Mãe e Pai, a todos vós devo o que sou e o que tenho alcançado ao longo de 26 anos.

Obrigada!

## Resumo

O presente estudo tem como objetivo verificar a prevalência da violência no namoro em jovens que vivem em situação de pobreza e exclusão social. Pretende ainda verificar se as crenças relacionadas com a violência conjugal podem estar associadas à legitimação e à prática de violência, e até que ponto os jovens se percebem aceites ou rejeitados pelo par amoroso. Utilizou-se como instrumentos um questionário sociodemográfico, o questionário de Aceitação-Rejeição do parceiro íntimo (Rohner, 2005), a Escala sobre a violência conjugal (Matos & Gonçalves, 2000) e o Inventário de comportamentos violentos crenças sobre a violência conjugal (Matos & Gonçalves, 2000). A amostra é constituída por 59 participantes, entre os 18 e 26 anos, que se encontram em uma relação amorosa atual. Os resultados mostram, que apesar da amostra se considerar predominantemente aceite pelo par amoroso, reportam atos violentos enquanto vítimas e agressores, e não se verificam diferenças estatisticamente significativas quando comparados entre géneros. Verifica-se ainda na nossa amostra a presença da prevalência da violência emocional em ambos os sexos, para além de se constatar que a prática de atos violentos está relacionada com as crenças acerca da violência conjugal.

Palavras-Chave: Famílias em situação de pobreza e exclusão social, aceitação-rejeição interpessoal, violência no namoro

### **Abstract**

This study aims to determine the prevalence of dating violence in young people living in poverty and social exclusion. Also intends to verify that the beliefs related to domestic violence may be associated with legitimacy and practice of violence, and the extent to which young people perceive themselves accepted or rejected by the loving couple. Was used as a sociodemographic questionnaire instruments, the questionnaire Acceptance-Rejection intimate partner (Rohner, 2005), the Scale on conjugal violence (Matos & Gonçalves, 2000) and the Inventory of violent behavior beliefs about marital violence (Matos & Gonçalves, 2000). The sample consists of 59 participants, aged between 18 and 26 years, who are in a current relationship. The results show that although the sample is considered predominantly accepted by the loving couple, reported violence as victims and perpetrators, and there are no statistically significant difference when compared between genders. There is still a presence in our sample the prevalence of emotional abuse in both sexes, as well as it appears that the commission of violent acts is related to beliefs about domestic violence

Keywords: Families in poverty and social exclusion, acceptance - rejection interpersonal, dating violence

Introdução.....	8
Parte I-Enquadramento teórico.....	9
1-Família.....	9
1.1 Conceito Família.....	9
1.2 Famílias em situação de Pobreza e Exclusão Social em Portugal.....	11
2- Aceitação- Rejeição Interpessoal.....	13
2.1 Teoria da Aceitação- Rejeição Interpessoal.....	13
2.1.1 Subteoria de Coping.....	14
2.1.2 Subteoria da Personalidade.....	15
2.1.3 Subteoria dos Sistemas Socioculturais.....	17
2.2- Aceitação- rejeição pelo par amoroso.....	17
3-Violência.....	18
3.1 Contextualização e caracterização da violência.....	18
3.2 Violência no namoro.....	20
3.3 Fatores de Risco da violência.....	20
Parte II- Método.....	21
1 Método.....	21
2 Procedimentos.....	23
3 Participantes.....	23
4 Questionários utilizados.....	23
4.1 Questionário sociodemográfico.....	24
4.2 Questionário de Aceitação-Rejeição do parceiro Íntimo (IPARQ) .....	24
4.3 Escala de Crenças sobre a violência conjugal (ECVC).....	24
4.4 Inventário de Comportamento violento (ICV).....	24
5 Resultados.....	26
6- Discussão dos Resultados.....	34
Parte III- Conclusão.....	36

Referências .....37

### Índice de figuras

**Figura 1** - Esquema das dimensões da Teoria Aceitação-Rejeição Interpessoal.....14

**Figura 2** - Esquema da subteoria da personalidade da Teoria da Aceitação –Rejeição interpessoal.....16

### Índice de Tabelas

**Tabela 1**- Análise Descritivas da variável aceitação rejeição por parte do par amoroso.....27

**Tabela 2**- Prevalência de atos violentos nas relações atuais e passadas perpetradas e sofridos pelos homens.....28

**Tabela 3** - Prevalência de atos violentos nas relações atuais e passados perpetrados e sofridos pelas mulheres.....29

**Tabela 4**-Correlações das variáveis de estudo.....32

**Tabela 5**- Diferenças de géneros.....33

### Índice de Anexos

Anexo I: Folha de Rosto Inquérito

Anexo II: Questionário Sociodemográfico

### Lista de Siglas e Abreviaturas

E.C.V.C- Escala de Crença sobre a Violência Conjugal

IPARQ\CQ- Questionário de Aceitação-Rejeição\ Controlo do Parceiro Íntimo

I.V.C- Inventário de Comportamento violento

RSI- Rendimento Social de Inserção

## **Introdução**

A presente investigação visa estudar a prevalência da violência no namoro em jovens que vivem em situação de exclusão social e pobreza na zona norte de Portugal. Esta escolha deve-se ao fato de as percentagens de exclusão social e de pobreza em Portugal, obtidas através do Instituto Nacional de Estatística, terem vindo a aumentar, e considerando que esta condição de vida influencia as dinâmicas familiares e até ao nível da qualidade das relações interpessoais. Tendo em consideração que esta problemática tem vindo a se destacar, consideramos pertinente elaborar um estudo que nos permitisse verificar a existência de prevalência da violência no namoro entre jovens que habitam em famílias que se encontram em situação de pobreza e exclusão social, uma vez que a pobreza e a escassez ou falta de recursos socioeconómicos podem contribuir para a perpetração de violência (Callahan, Tolman, & Saunders, 2003; Reis, 2012). Os baixos recursos económicos estão associados ao aumento do risco da violência conjugal, sendo que indivíduos com maior níveis de violência têm recursos socioeconómicos significativamente mais baixos que os restantes sujeitos (Sugarman & Hotaling 1989 as cited in Almeida, 2009).

Esta dissertação encontra-se dividida em três partes: enquadramento teórico, método e a conclusão. Onde no enquadramento teórico se aborda o conceito família, a aceitação-rejeição interpessoal e a violência no namoro, e na componente metodológica dá-se ênfase aos objetivos do estudo, aos problemas e às hipóteses de investigação, ao processo de recolha de dados e à respetiva amostra, bem como os instrumentos e procedimentos estatísticos utilizados, resultados e à discussão dos mesmos, por fim, a terceira e última parte cinge-se à conclusão final do estudo.

## 1-Família

### 1.1 Conceito de Família

A família é considerada um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo, assumindo a responsabilidade de transmitir os valores, as crenças, as ideias e significados que estão presentes na sociedade (Kreppner, 2000 as cited in Dessen & Polonia, 2007).

É de salientar que as crenças e os valores transmitidos pela família permanecem com o indivíduo durante toda a vida, sendo a base para as tomadas de decisões e atitudes que apresentam na vida adulta. Além disso, a família continua, mesmo na etapa adulta, a dar sentido às relações entre os indivíduos, funcionando como um espaço no qual as experiências vividas são elaboradas (Sarti, 2004).

A família é também considerada a primeira instituição social que procura assegurar o bem-estar dos seus membros, independentemente da sua tipologia familiar. As famílias podem assumir diferentes tipologias, podendo ser: famílias **nucleares**, que são constituídas por dois adultos de sexo diferente e os respetivos filhos biológicos ou adotados; famílias que advêm das **uniões de facto**, trata-se de uma situação muito semelhante mas no entanto não existe qualquer tipo de contrato de casamento, mutuamente assinado; famílias **recompostas**, onde são constituídas por laços conjugais após o divórcio ou separações, é frequente a existência de filhos de casamentos ou ligações diferentes ocasionando meios-irmãos; famílias **monoparentais**, são compostas somente pela mãe ou pelo pai e os filhos, são famílias fruto de divórcio, viuvez ou da própria opção dos progenitores, e por último as famílias **homoparentais**, constituídas por duas pessoas do mesmo sexo com ou sem filhos (Dias, 2011).

No entanto não é possível dizer-se que existe um tipo de família padronizada como “normal”, ou qual a tipologia familiar é a que será a mais “normal”, uma vez que a normalidade, segundo Walsh (2012), é algo que poderá ser contaminado pela visão de cada um, como tal o que é considerado normal na cultura em que vivemos pode não ser considerado numa outra cultura, ou seja quando nos referimos ao termo normalidade temos estar conscientes que esta normalidade é construída pela sociedade, mas o que realmente é relevante é a funcionalidade das dinâmicas familiares.

A funcionalidade das dinâmicas familiares pode ser influenciada por situações que originem maior nível de stress, como o estar em condição de desemprego e com dificuldades económicas. A carência económica pode afetar toda dinâmica familiar e levar à disfuncionalidade da mesma, uma vez que influencia as práticas educativas, podendo levar a

uma prática educativa menos adequada, o que vai ter um impacto significativo no desenvolvimento da criança/jovem (Gomide, 2003).

As práticas educativas parentais definem-se como um conjunto de comportamentos que os educadores utilizam como intuito de atingir objetivos específicos ao nível da socialização das crianças (Carlinga & Steinberg, 1993 as cited in Machado, Gonçalves, & Matos, 2003). O estilo parental é o modo como os pais/educadores lidam com as questões de poder e de hierarquia na relação com os filhos e as posições que adotam frente aos problemas disciplinares, ao controle do comportamento e à tomada de decisão (Hennigen, 1994 as cited in Pacheco, Teixeira, & Gomes, 1999).

As práticas educativas podem assumir uma forma mais coerciva, onde é caracterizada como sendo a prática que utiliza a força direta e do poder dos pais (Hoffman, 1975 as cited in Ceconella, Antoni & Koller, 2003). Estas práticas podem provocar emoções intensas, como hostilidade, medo e ansiedade, interferindo na capacidade da criança para ajustar seu comportamento à situação. As estratégias coercivas provocam o controlo do comportamento baseado na ameaça de sanções externas e intensificam a percepção de valores e do padrão de ação moral como externos, enquanto as estratégias indutivas favorecem a internalização moral (Hoffman, 1975 as cited in Ceconella, Antoni & Koller, 2003). Recentemente um estudo realizado por Carmo e Alvarenga (2012), sobre práticas educativas coercivas de mães de diferentes níveis socioeconómicos sobre os efeitos, revelou que poderá existir uma relação entre o nível socioeconómico e as práticas educativas utilizadas. As dificuldades materiais (falta de comida e de bens de consumo) são fatores que exercem influência no aumento do nível de stress dos pais, o que leva a práticas parentais coercivas (Bornstein & Bradley, 2003 as cited in Carmo & Alvarenga, 2012). Práticas parentais negativas foram associadas a um maior nível de stress e depressão por parte dos pais, sendo que, famílias com práticas educativas positivas apresentam ausência de depressão e níveis de stress inferiores (Gomide, Salvo, Pinheiro & Sabbag, 2005).

Existem algumas características sociais e demográficas que definem alguns grupos sociais como sendo grupos de risco, ou seja, grupos que se encontram mais vulneráveis à violência pelo parceiro íntimo. A pobreza não é exceção é inclusive considerado como fator de risco para a prática da violência, os relacionamentos mais conflituosos são principalmente sobre finanças (Jewkes, 2002).

Carmo e Alvarenga (2012) realizaram um estudo que comparava dois grupos de mães de níveis socioeconómicos diferentes, um grupo de nível socioeconómico (NSE) baixo e outro de médio/alto, para que fosse possível perceber se as práticas educativas negativas eram

mais evidentes em famílias nível socioeconómico baixo, do que na família de nível socioeconómico alto. Este estudo revelou que 25% das mães do grupo de NSE baixo recorriam mais ao uso prática educativas negativas utilizando a punição física, e 17 % das mães do NSE médio/alto recorriam às práticas educativas negativas. Este estudo leva ainda à conclusão que a falta de recursos materiais, as condições habitacionais e a qualidade de vida são fatores que estão associados a maiores níveis de stress e agressividade dos pais, o que os leva a ser menos tolerantes e mais vulneráveis para a prática de punição física.

Atualmente vivemos com a problemática das famílias que vivem em situação de pobreza e exclusão social, o que através de dados estatísticos do INE 2014, 60 % dos portugueses encontram-se em situação vulnerável à pobreza e exclusão social, o que se podem revelar como potenciais fatores de risco para o desenvolvimento da criança/jovem (Maia & Williams, 2005; Parista & Baptista, 2010).

## **1.2 Famílias em situação de pobreza e exclusão social em Portugal**

A exclusão social é percebida como sendo um processo dinâmico e multidimensional orientada por relações de poder desiguais em que os processos de exclusão enquadram quatro dimensões: económicas; políticas; sociais, e por último culturais (Popay et al., 2008 as cited in Keevers & Abduoha, 2012). Estas dimensões podem verificar-se de forma individual, familiar, de grupo e comunidade, não deixando de estar associados a fatores como: desemprego, desvalorização, precaridade de trabalho, pobreza, violência, insegurança, injustiça social, desqualificação social, desigualdade educacional e falta de acesso aos bens e serviços, que levam à exclusão social (Borba & Lima, 2011).

A pobreza é tida como um conceito subjacente à exclusão social, uma vez que esta se enquadra nas dimensões de evolução do conceito pobreza. Exclusão social é uma forma que abrange não os bens materiais mas sim, a falta de recursos, sociais, políticos, culturais e psicológicos, que quando se acumulam acabam por aumentar a vulnerabilidade de determinadas categorias sociais, o que permite a categorização de grupos socialmente desfavorecidos, como por exemplo; os grupos à margem (que são compostos por toxicodependentes e sem-abrigo), idosos, pessoas com deficiência, desempregados de longa duração e os imigrantes (Capucha, et al., 2005).

Tendo em consideração os dados estatísticos do Instituto Nacional de Estatística (2014), é possível verificar que o nível de pobreza tem vindo a aumentar em Portugal. O INE salienta também que a maior incidência se revelou nas famílias constituídas por dois adultos e

três ou mais crianças (40.4 %), nas famílias monoparentais com um filho a cargo (33.6%) e por três ou mais adultos com menores (23.7 %), sendo os desempregados o grupo social mais vulnerável (40.2%).

Famílias que vivem em situação de pobreza e exclusão social encontram-se mais vulneráveis a vivenciar situações de violência, pois estas famílias encontram-se em situações de pressão, com falta ou escassez de alternativas originando um sofrimento que os leva a reagir de forma mais desajustada), podendo assim influenciar nas práticas educativas para com os filhos e funcionarem como fatores de risco, quando estas práticas educativas são negativas, (e.g., a punição física), o que leva ao desenvolvimento de comportamentos antissociais (Gomide, 2003). É visível que este tipo de população devido às dificuldades que atravessam sofrem um maior nível de stress, o que nem sempre os faz reagir de forma mais adequada perante os seus filhos ou cônjuges e até mesmo a sociedade.

Como forma de apoiar os grupos sociais mais desfavorecidos, existe a intervenção social, de acordo com a lei n.º 19-A/96, hoje em dia todos os cidadãos que estejam legalmente em Portugal e fazendo os descontos para o sistema português, tem o direito de recorrer à medida do Rendimento Social de Inserção (RSI) anteriormente designado por Rendimento Mínimo Garantido (RMG) (Lourenço, 2005).

De acordo com o Guião Prático de Inserção (2013), existem requisitos necessários para que se possa beneficiar deste tipo de apoio: o requerente deverá ser maior de idade, casado ou em união de fato há mais de 2 anos, excetuando mulheres grávidas, se tiver menores deficientes a cargo, residir legalmente em Portugal há mais de 3 anos (exceto cidadãos estrangeiros da União Europeia, que não se encontrem a trabalhar ou a descontar para o sistema português); estar inscrito no Instituto de Emprego e Formação Profissional; estar numa condição de carência de recursos económicos e sociais; fornecer à Segurança Social todos os documentos que comprovem a situação de carência económica; comprometer-se a cumprir o Programa de Inserção. Após todos os documentos solicitados à segurança social será atribuído um valor de prestação de RSI, tendo em conta os rendimentos mensais não podendo exceder os 178,15 €, ou ser o requerente de uma família que a totalidade do rendimento mensal de todos os elementos do agregado familiar seja superior ao valor máximo de RSI, é atribuído ao titular o valor de 178,15€ (100%), outro indivíduo adulto o valor de 89.07€ (50%) e menores o valor de 53.44€ (30%).

Em Portugal, os dados estatísticos recolhidos pelo INE (2014), mostram que existem 421 201 indivíduos a auferir desta prestação social, sendo 218 517 do sexo feminino e 202

684 do masculino, o que revela a realidade de pobreza e exclusão social que várias pessoas/famílias estejam a vivenciar.

De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) Portugal é um dos países em que os apoios do Estado são menos generosos para as famílias mais pobres. A situação de pobreza e exclusão social exerce influência em toda a dinâmica familiar, é através da família que o indivíduo estabelece os seus primeiros relacionamentos interpessoais com pessoas significativas, estabelecendo trocas emocionais que funcionam como um suporte afetivo importante quando os indivíduos atingem a idade adulta Rohner (2004). Estas trocas emocionais estabelecidas ao longo da vida são essenciais para o desenvolvimento dos indivíduos e para a aquisição de condições físicas e mentais centrais para cada etapa do desenvolvimento psicológico, como tal é importante abordar a teoria aceitação-rejeição interpessoal

## **2-Aceitação-Rejeição Interpessoal**

### **2.1 Teoria da Aceitação- Rejeição Interpessoal**

A teoria de aceitação-rejeição interpessoal de Ronald Rohner, tem como objetivo analisar a qualidade das relações interpessoais, bem como explorar as principais causas e consequências da rejeição nas relações interpessoais (Rohner, Khaleque & Cournoyer, 2012). Esta teoria tem como base a teoria aceitação-rejeição parental (Rohner, 2010). De acordo com a teoria, a percepção da aceitação-rejeição é considerada como um *continuum*, onde a rejeição significa a ausência ou retirada significativa de amor, carinho, conforto, preocupação, nutrição, ou seja abrange todos os comportamentos que causam efeitos negativos a nível físico e psicológico da criança. A aceitação-rejeição, assim como evidência a figura 1, é percebida através de cinco dimensões; 1) Carinho, podendo ser expresso de forma física ou verbal, através de gestos e palavras afetuosas, quando ausente é denominado por frieza e ausência de demonstração de afeto; 2) Frio/ Não afetuosos, pode ser demonstrado de forma física, através de ausência de beijos, abraços e carinho e podem ser demonstrado através de forma verbal com a ausência de elogios, louvores de verbalização agradável 3) Hostilidade/Agressividade, é um conjunto de sentimentos negativos como raiva, ressentimento e intenções de magoar fisicamente, através de comportamentos como bater, empurrar, pontapear ou ferir e maus tratos psicológicos e verbais, onde estão incluídos os

insultos os comentários cruéis, o sarcasmo, entre outros, 4) Indiferença/Negligência, onde a existe a ausência de preocupação pelo outro, por último 5) Rejeição indiferenciada, refere-se à transmissão de sinais que levam o outro a acreditar que não é verdadeiramente amada, (Rohner, Khaleque & Cournoyer, 2012).

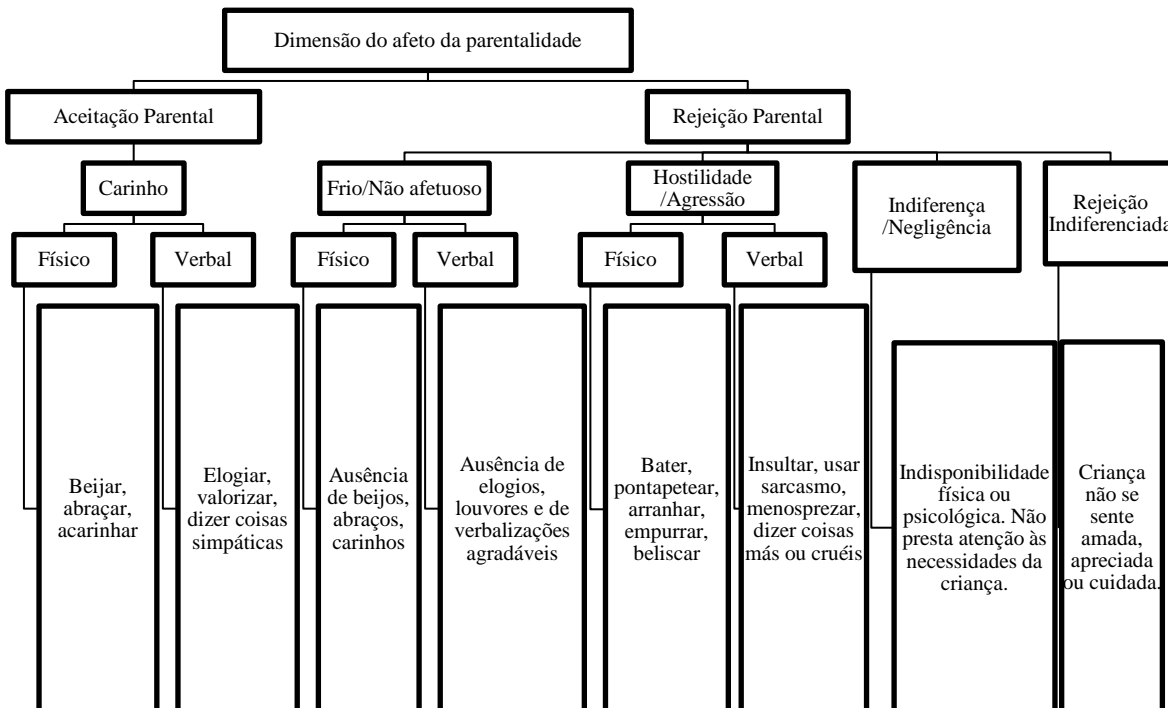


Figura 1. Esquema das dimensões da Teoria Aceitação-Rejeição Parental. Adaptado de “Introduction to parental Acceptance-Rejection theory, methods, evidence, and implications” por Rohner, Khaleque & Cournoyer 2012.

Além das quatro dimensões supra citadas Rohner (1986), subdivide a sua teoria em três subteorias sendo: a subteoria de coping, a subteoria de personalidade e a subteoria dos sistemas socioculturais, que passaremos a descrever.

### 2.1.1 Subteoria de coping

Esta subteoria foca-se também em três componentes importantes: *Self*, onde as representações pessoais e as características internas e externas se encontram presentes, *o outro* onde as características individuais e interpessoais das figuras rejeitantes estão envolvidas, tendo em conta a duração, a frequência a forma e a severidade da rejeição e por último temos ainda o *contexto* que tem em conta todas as outras pessoas significativas para o sujeito assim

como as características sócio situacionais do contexto de vida dos indivíduos. Rohner (1986), afirma que quanto maior for o nível de afetividade e apoio das pessoas significativas, a possibilidade deste ser capaz de desenvolver estratégias de coping face à rejeição é maior. Quanto melhor forem as capacidades cognitivas e as competências sociais mais facilmente o mecanismo de coping é ativado.

A subteoria de coping espera que a capacidade para reagir à rejeição seja mediada pelo grau de diferenciação do Self, com efeito, a capacidade dos indivíduos para lidar com a rejeição é reforçada por três fatores sociocognitivos: *o sentido de si, a autodeterminação* e a *despersonalização* (Rohner, 1986).

*O sentido de si*, tem em consideração as representações que o sujeito tem de si próprio. Sujeitos que têm o sentido de si mais claro são as que lidam melhor com a rejeição (Rohner, 1986). *A autodeterminação*, é sustentada pelo controle pessoal e emocional daquilo que acontece no quotidiano, através de estratégias para redimensionar as consequências que advêm da rejeição percebida, quando não lidam com a situação tendem a culpabilizar fatores externos incontrolláveis (sorte, destino, os pais, etc.). *A despersonalização* centra-se na capacidade que de utilizar, recursos sociocognitivos para lidar com a rejeição percebida. Os indivíduos que são capazes de despersonalizar, no entanto, têm uma capacidade psicológica para lidar de forma mais positiva com ambiguidades interpessoais. (Rohner, Khaleque & Cournoyer, 2012). Ainda dentro desta subteoria é possível mencionar os dois tipos de *copers*, os *copers afetivos* que influênciam a rejeição por parte das pessoas significativas tem no desenvolvimento o indivíduo a nível social, emocional e funcional já o *cooper instrumentais* que á medida que os indivíduos percecionam a rejeição consegue obter sucesso no seu desempenho académico, emprego, mas de certa forma ficam prejudicados a nível da saúde mental e emocional (Rohner, Khaleque & Cournoyer, 2007).

A subteoria de coping, é importante uma vez que faz com que os sujeitos que percecionam a rejeição pelo outro lidem de forma que a mesma não lhes traga sofrimento, o que na maioria dos indivíduos que a percecionam sofrem (Rohner, 1986).

### **2.1.2 Subteoria da Personalidade**

A subteoria personalidade, é a subteoria mais estudada e mais desenvolvida na teoria de aceitação-rejeição interpessoal (Rohner, 2005). À medida que o indivíduo perceciona a rejeição tende a construir a sua personalidade (Rohner, 1986), como verificamos na figura 2, á medida que a insatisfação das necessidades dos indivíduos contribui para o desenvolvimento

de um desajustamento psicológico, que se pode manifestar através de sete disposições da personalidade.

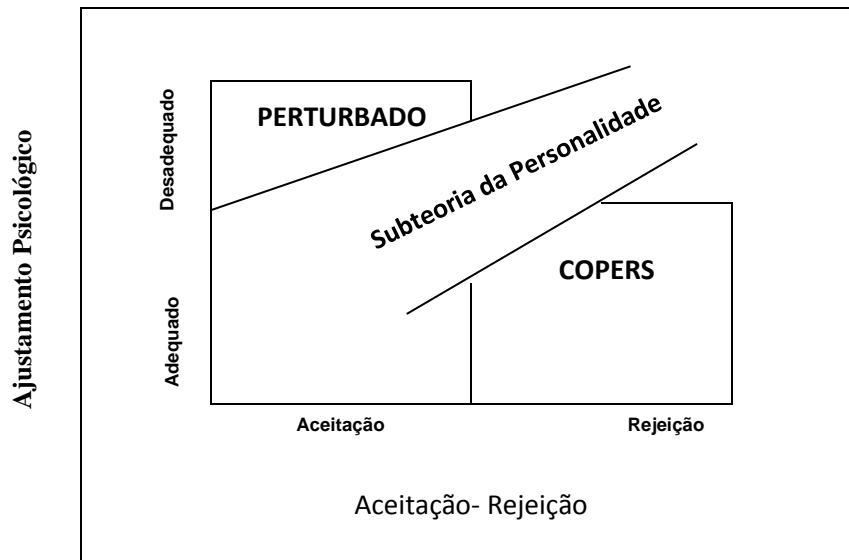


Figura 2. Esquema da Subteoria da personalidade da Teoria Aceitação-Rejeição Parental. Adaptado de “Introduction to parental Acceptance- Rejection theory, methods, evidence, and implications” por Rohner, Khaleque & Cournoyer 2012.

Este desajustamento psicológico pode incluir manifestações de *hostilidade/agressividade*, as quais são demonstradas através da exteriorização (e.g. de raiva ou ressentimentos perante objetos, pessoas ou situações); *instabilidade emocional* que é percebida pela falta de humor equilibrado de forma a ser adaptativo perante situações mais problemáticas do quotidiano; *baixa autoestima* onde existe sensações de desaprovação pessoal, *dependência* onde o indivíduo necessita de confirmar o amor e o apoio por parte dos outros que se caracteriza pela necessidade de confirmar o amor e o suporte por parte dos outros; a *não responsividade emocional* é associada à falta de assertividade e à dificuldade em demonstrar sentimentos experienciados aos outros. Outra das disposições da personalidade afetada é *auto-adequação negativa* que se caracteriza por sentimentos de incapacidade em realizar as tarefas pertencentes à vida individual e social. Por último *a visão negativa do mundo* prudente pelo medo perante o mundo e pelo pensamento de que o mesmo é perigoso (Rohner,1986).

### **2.1.3 Subteoria dos Sistemas socioculturais**

O objetivo desta subteoria é questionar, tentar explicar e prever as causas da aceitação e da rejeição por parte de pessoas significativas (Rohner, Khaleque & Cournoyer, 2009). O modelo dos sistemas socioculturais, remonta aos trabalhos realizados por Kardiner (1939, 1945, as cited in Rohner et al., 2005, 2009) e por Whiting e Child 1953, as cited in Rohner et al., 2005, 2009). Estes estudos demonstraram que a probabilidade de pessoas significativas manifestarem uma das modalidades de comportamento (aceitação ou rejeição) é moldada de várias formas pelos sistemas de manutenção da sociedade, incluindo instituições sociais, organizações e instituições familiares, organizações económicas e políticas, sistemas de defesa e outras instituições que sustentam direta ou indiretamente a sobrevivência de uma população culturalmente organizada dentro de seu ambiente natural. A aceitação-rejeição e outros comportamentos têm um impacto direto no desenvolvimento da personalidade e do comportamento (como referencia a Subteoria da Personalidade). Os sistemas expressivos e comportamentais institucionalizados referem-se às tradições religiosas e rituais de comportamento que formam a cultura, impondo regras e modalidades de expressão específicas. Estes sistemas expressivos são criações simbólicas, formados ao longo do tempo através das gerações, estando sujeitas a mudanças contínuas e progressivas segundo um ritmo não uniforme. É importante ter em atenção que, de acordo com a Subteoria dos Sistemas Socioculturais, apesar dos sistemas expressivos serem criações humanas, uma vez criadas e incorporadas nos sistemas socioculturais tendem a moldar os indivíduos, alterando as suas crenças e comportamentos futuros.

### **2.2 Aceitação – Rejeição pelo par amoroso**

É de salientar que alguns estudos têm revelado que a perceção da rejeição pelo outro, manifestando-se consequências semelhantes em indivíduos de cultura, idade, sexo e etnia diferentes (Rohner, Khaleque & Cournoyer, 2012).

Uma meta-análise de 43 estudos verificou que a aceitação-rejeição percecionada está associada ao ajustamento psicológico das crianças e dos/as adultos/as sendo que a perceção de aceitação interpessoal estava associada a melhores níveis de ajustamento psicológico (Khaleque & Rohner, 2002; Rohner, Khaleque & Cournoyer, 2012).

Rohner, Meendez e Kraimer-Rickaby (2008) focaram-se na relação existente entre a aceitação percecionada por parte do par amoroso e o ajustamento psicológico do adulto,

concluindo que a aceitação percebida por parte do companheiro está associada positivamente ao ajustamento psicológico de homens e mulheres. Cerca de quinhentos estudos a nível mundial revelaram que tanto crianças como adultos de diversos lugares tem a capacidade de organizar as suas percepções interpessoais (e.g., pais, figuras significativas, par amoroso, etc.), quando estas percebem a rejeição por parte das figuras significativas, existe maior propensão para se desenvolverem problemas relacionados com níveis de auto estima mais baixos; instabilidade emocional, ausência de resposta emocional e a visão de mundo negativa. (Rohner, 2012 as cited in Malik & Rohner, 2012). A relação entre a autoestima e a percepção que o indivíduo tem da forma como os outros o percebem tem sido abordada por muitos autores (Botelho, 2012).

Segundo o modelo de regulação de dependência, o indivíduo sente-se seguro em relação ao amor e aceitação por parte do seu par amoroso, o que permite a vinculação ao outro. Esta teoria afirma que os níveis baixa autoestima do indivíduo leva a subestimar o seu parceiro e as percepções positivas que estes têm a seu respeito. Porém, pessoas com níveis de autoestima elevada percebem com mais precisão de que forma os seus parceiros os olham (DeHart, Pelham & Murray, 2004 as cited in Botelho 2012).

A autoestima tem uma associação positivamente com as circunstâncias que facilitam as relações amorosas, e que está negativamente relacionada com a procura de aprovação, o que poderá levar a comportamentos mais hostis e a episódios de violência (Cramer, 2008 as cited in Botelho 2012).

### **3-Violência**

#### **3.1 Contextualização e caracterização da violência**

A violência é um fenómeno de grande complexidade, e embora já seja do conhecimento da sociedade há algumas décadas, continua a ser uma preocupação para a comunidade científica, uma vez que se trata de uma preocupação para a saúde é um fenómeno que não é cingido a determinados grupos sociais, económicos ou geográficos particulares, afeta todo o tipo de estratos sociais, a sociedade ao longo do tempo tem vindo a modificar as crenças a cerca deste fenómeno, o que era considerado legitimo e aceite por lei agora é punível pela mesma (Ferreira, 2011; Ventura, Ferreira, & Magalhães, 2013).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) (as cited in Dahlberg & Krug, 2006) a violência é um conceito caracterizado como sendo o uso intencional da força física ou poder, podendo ser contra o próprio, contra terceiros ou até mesmo contra um grupo, onde pode surtir ferimentos, mortes, maus-tratos e/ou danos psicológicos.

Os tipos de violência podem ser perpetrados de várias formas; física, psicológica e sexual, a violência física, envolve todo o tipo de agressão que utilize a força física, (eg.: empurrões, atirar objetos, pontapear, etc.), sempre com a intenção de afetar a integridade física do outro), no entanto a violência psicológica não utiliza a força física mas utiliza a verbalização de forma a magoar o outro (e.g., difamação, insultos, etc.) (Jenkis & Aubé, 2002 as cited in Ferreira, 2011; Mouzos & Makkai, 2004) e por último temos ainda a violência sexual onde existe um contato sexual sem permissão do outro, ou até mesmo para incentivo da prática de prostituição ou para práticas sadomasoquistas (Jewkes, Sem, & Garcia-Moreno, 2002). Contudo podemos afirmar que a violência envolve um conjunto de comportamentos físicos e psicológicos e sexuais quando estes têm um caráter abusivo e ofensivo (Ferreira,2011).

De acordo com Machado (2010), a *“violência surge, muitas vezes, como uma tentativa de controlo e domínio sobre a outra pessoa, através de atos físicos, assim como de formas de controlo/domínio que garantem o sentido de onnipotência do agressor tais como a violência psicológica – a qual pode surgir através do isolamento, do limitar ou controlar o exercício de determinadas tarefas ou papéis, de verbalizações insultuosas, do controlo e domínio por ameaça de danos a si próprio ou a outros, intimidação, ciúme, entre outros – e a violência sexual”*. Machado (2010, p.7).

No seguimento de contextualizar a prevalência da violência, os relatórios anuais da APAV (2012, 2013, 2014), revelam diminuição da violência doméstica: no ano de 2011 temos uma prevalência igual a 85%, no ano de 2012 houve a descida de 1,4 % (83,6%) e no ano de 2013 e reduziu para 80%, embora exista alguma descida percentual não deixa de ser alarmante e relevante o estudo junto desta população.

Remetendo para os dados mais recentes APAV (2014) a violência doméstica é a que se encontra no topo com 80%, tendo como perfil de vítima, mulheres (82.8%) entre os 25 e os 54 anos (35.1%), casadas (34.8%), com famílias nucleares (43%), ensino superior (6.9%) e empregadas (29.1%). Em contrapartida encontramos como o perfil de agressor o homem (82.3%), entre os 25 e 54 anos (29.9%), casados (38.8%) e empregados (31.5%), apesar destes dados estatísticos a violência doméstica é perpetrada pelos cônjuges (30.7%).

O tipo de violência mais evidência é os maus tratos psicológicos (36.8%) e de seguida os maus tratos físicos (26.9%) (APAV, 2014). No entanto começam a existir tendências para a vulgarização por parte da população mais jovem assumirem uma posição violenta para com o seu par amoroso, o que leva a despoletar um novo conceito: a violência no namoro, conhecido internacionalmente por *dating violence*.

### **3.2 Violência no namoro**

A violência no namoro começa a despertar alguma atenção por parte da comunidade científica apesar de não ser um conceito muito recente uma vez que, já no ano de 1981, Makepeace interessou-se em explorar a temática o que originou os primeiros dados empíricos sobre a violência no namoro, estudo este que verificou que 61% da amostra revelou conhecer alguém com relacionamentos amorosos violentos. Posteriormente a este estudo a violência no namoro começa a ganhar um destaque na produção científica internacional (Mendes & Cláudio, 2010, as cited in Caridade & Machado, 2010).

Apesar de este fenómeno despertar interesse existem algumas limitações para que seja possível estudar o mesmo nomeadamente a própria definição do conceito, a dificuldade em diligenciar este tipo de população, uma vez que continua a ser difícil assumir que existe este tipo de comportamento mas, apesar de todas as adversidades acima referidas, existem estudos que revelam resultados que levam a uma preocupação (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006).

Machado, Caridade e Martins (2010), elaboraram um estudo com a população portuguesa, no qual verificaram a existência níveis alarmantes de violência: 25.4% dos jovens, entre os 13 e os 29 anos, já tinham vivenciado violência na sua relação de namoro. O tipo mais comum foi a psicológica, seguida pela física, emocional, sexual, económica e negligência. Anaconda (2013) verificou no seu estudo que não houve diferenças estatisticamente significativa por sexo em relação a abusos físicos e psicológicos.

### **3.3 Fatores de risco da violência**

Os fatores associados e definidos como sendo de risco para se ser agressor ou vítima de violências nas relações amorosas são, segundo Caridade (2008); *os fatores familiares* (onde poderá testemunhar atos violentos interpares na infância, etc.); *os fatores ambientais* (os grupos de pares, observação de violência na comunidade); fatores *sociodemográficas*

(idade, gênero, etnia, área de residência, nível socioeconômico, etc.); *fatores intrapessoais* (depressão, autoestima, etc.); os *fatores interpessoais* (satisfação relacional, etc.); e por último *os fatores situacionais ou contextuais* (consumo de substâncias assim como álcool e/ou drogas).

Os homens acreditam que têm mais direito a bater no cônjuge do que as mulheres. O tipo de violência mais evidenciada foi a violência emocional e ou verbal, e a menos a violência física. Foi concluído ainda que quanto maior for a legitimação da crença da violência maior a prevalência de comportamentos violentos na relação. Verificou-se ainda que quanto maior for o consumo de substâncias que alterem o estado físico do indivíduo maior a prevalência de comportamentos violentos (Cristovão, 2012).

De acordo com a teoria de aprendizagem social de Bandura (1986 as cited in Feist & Feist 2006), comportamentos agressivos podem ser adquiridos através da observação dos mesmos.

## **Parte II- Método**

### **1-Método**

No decorrer da Parte II, será apresentado o estudo descritivo-correlacional sobre a violência no namoro em filhos de famílias que vivem em situação de pobreza e exclusão social, assim como percepção acerca da aceitação-rejeição por parte do par amoroso e as crenças existentes na nossa amostra. Apresentamos ainda os procedimentos usados na recolha de dados e tratamento dos dados.

Este estudo tem como objetivo principal, apurar a prevalência de violência no namoro em jovens que se encontram famílias que vivem em situação de pobreza e exclusão social.

Especificamente, com este estudo pretendemos operacionalizar e avaliar os seguintes objetivos específicos;

- i) Analisar se a amostra se percebe como predominantemente aceite ou rejeitada pelo par amoroso;
- ii) Identificar os atos violentos mais prevalentes sofridos nas relações atuais;
- iii) Verificar se a violência no namoro está relacionada com as crenças acerca da violência conjugal.

- iv) Verificar se a aceitação-rejeição pelo par amoroso, está relacionada com a violência no namoro e com as crenças acerca da violência conjugal.

Após a enunciação dos objetivos, o presente estudo procurará responder aos seguintes problemas de investigação:

**Problema 1:** Será que a violência no namoro entre jovens que vivem em famílias que se encontram em situação de pobreza e exclusão social, está relacionada com as crenças acerca da legitimação da violência conjugal?

**Hipótese 1:** Existe uma correlação positiva entre os níveis de prevalência da violência no namoro e as crenças acerca da violência conjugal.

Strauss e colaboradores (2002), os autores constataram que uma grande parte da amostra tinha necessidade de minimizar ou legitimar a perpetuação dos comportamentos violentos, as crenças que também se encontram envolvidas neste fenómeno, o que leva à culpabilização da vítima e à desresponsabilização do agressor (as cited in Caridade & Machado, 2012).

**Problema 2:** Existem diferenças significativas, entre sexo feminino e masculino, relativamente às crenças sobre violência conjugal?

**Hipótese2:** Os elementos de sexo masculino têm mais crenças sobre a legitimidade da violência conjugal do que os de sexo feminino.

Segundo Cristóvão (2012), os homens acreditam que têm mais direito de bater do que as mulheres.

**Problema 3:** Existem diferenças significativas entre sexo feminino e masculino relativamente à aceitação interpessoal?

**Hipótese 3:** Não existem diferenças significativas entre os diferentes sexos relativamente à percepção de rejeição por parte do par amoroso.

Rohner, Khaleque e Cournoyer (2012), afirmam que a percepção da rejeição pelo outro provoca consequências semelhantes em indivíduos de cultura, idade, sexo e etnia diferentes.

## **2 Procedimentos**

No que respeita à recolha da nossa amostra, a mesma foi obtida através de quatro equipas que acompanham famílias que beneficiam do apoio social o Rendimento Social de Inserção,

Foram divulgados e apresentados os objetivos da investigação, posteriormente foram entregues os questionários aos titulares da prestação de Rendimento Social de Inserção (RSI), sendo que era os titulares da prestação que levavam os questionários juntamente com o consentimento de informado para os filhos responderem, num envelope fechado, depois devolviam os questionários preenchidos às técnicas gestoras do processo de RSI. Iniciou-se o processo de aplicação dos questionários, a qual decorreu entre o mês de Maio e Outubro, e a recolha dos mesmos deu-se devido á articulação entre a investigadora e as técnicas de Rendimento Social de Inserção que acompanham esta população.

É de salientar que os participantes foram informados que poderiam ter acesso aos resultados obtidos após a conclusão do estudo. Posteriormente todos os questionários foram inseridos na base de dados e analisados com a utilização do SPSS 21 (*Statistical Package for Social Sciences*).

## **3 Participantes**

Relativamente à caraterização da nossa amostra, esta é composta por 59 sujeitos (56.7% do sexo feminino) com idades compreendidas entre os 18 e os 26 anos ( $M= 21.27$ ;  $DP=2.75$ ). Todos/as os/as participantes residem no Norte do país e os pais usufruem de RSI. A maioria da população não estuda e não trabalha (62.7%).

## **4 Apresentação dos Instrumentos**

Para a realização deste estudo foi utilizado um questionário sociodemográfico, o Questionário de Aceitação-Rejeição do parceiro Íntimo (IPAR/Q Rohner, 2004), o questionário de escalas sobre a Violência Conjugal (E.C.V.C, Matos & Gonçalves, 2000) e por fim o inventário de comportamentos violentos (I.V.C. Matos e Gonçalves, 2000).

#### **4.1 Questionário Sociodemográfico**

Para a recolha de informações sociais e demográficas da população alvo, foi construído um questionário sociodemográfico, constituído por nove itens, destinando-se ao levantamento de informações relativas ao sexo, idade, tipo de habitação, agregado familiar, escola e ano que frequenta, relação amorosa e por fim como avaliam o namoro atual até há altura do preenchimento do questionário. (anexo II).

#### **4.2 Questionário de Aceitação-Rejeição/ do parceiro Íntimo (IPAR\Q, Rohner, 2004).**

O IPARQ é um instrumento constituído por 24 itens com resposta em escala de Lickert de 4 pontos desde Quase Nunca é verdade, a quase sempre é verdade. A cotação varia entre 24 a 96, tendo como ponto médio 60. É constituído por quatro subescalas, que avaliam a perceção da qualidade das relações dos indivíduos com seus parceiros íntimos, cerca do carinho/afeto do par amoroso; hostilidade/agressão; indiferença/negligência e a rejeição indiferenciada assim como uma escala global em que valores superiores indicam maior perceção de rejeição. Alguns itens que este questionário inclui são por exemplo "O meu parceiro diz coisas simpáticas sobre mim", "o meu parceiro não me presta atenção", "o meu parceiro demonstra-me que me ama", etc. Serve para verificar se o individuo se percebe como aceite ou rejeitado pelo par amoroso (Rohner, Khaleque & Cournoyer, 2012).

Neste estudo os valores de alfa de Cronbach variaram entre .75 e .89 com a exceção da escala de indiferença (.54) pelo que os resultados referentes a esta devem ser lidos sob reserva.

#### **4.3 Escala de Crença sobre a Violência Conjugal (E.C.V.C., Matos & Gonçalves, 2000).**

E.C.V.C foi construída e validada para a população portuguesa, por Matos, Machado e Gonçalves (2000). O questionário pode respondido numa escala de lickert, composta por 25 itens, cada um com 5 níveis de resposta. As respostas encontram-se escalonadas de 1 a 5, representado, cada uma delas, diferentes graus de concordância relativamente às afirmações apresentadas em que 5 corresponde a concordo totalmente e 1 a discordo totalmente. A escala é constituída por 4 fatores: O fator 1, é designado de "legitimação e banalização da pequena violência" e totaliza um conjunto de crenças que banalizam e normalizam a pequena violência

(e.g., insultos e bofetadas), que é encarada como normal, comum e pouco grave. O fator 2, designado por “legitimação da violência pela conduta da mulher”, e representa a conduta feminina como legitimadora da violência (e.g. insultuosa, infiel, falta aos deveres, provocadora, má esposa). O fator 3 – “legitimação da violência pela sua atribuição a causas externas” –, que atribui o móbil da violência familiar a um grupo de fatores externos ao maltratante (e.g. dificuldades económicas, álcool, drogas, relações extraconjugais, desemprego), fixando-o, igualmente, em extratos sociais ou comportamentais particulares. O fator 4, e designado por “legitimação da violência pela preservação da privacidade familiar”, representam a legitimação da violência pela invocação à privacidade e à preservação das famílias às intromissões do exterior. A escala, adaptada para a população adulta em geral, pode ser aplicada de forma individual ou em grupo e não tem tempo limite. A pontuação total é determinada através do somatório das respostas a cada um dos itens e avalia o nível de aceitação/tolerância do sujeito face à violência conjugal (física e/ou emocional). A soma da pontuação dos itens que integram cada fator permite revelar a nota atribuída a cada um, possibilitando conhecer o tipo de crenças associadas àquela tolerância. Os valores de alfa de Cronbach, neste estudo, variaram entre .87 e .97.

#### **4.4 Inventário de Comportamento Violento (I.V.C., Matos & Machado, 2000).**

Foi utilizado também o Inventário de Comportamento Violento (I.V.C.), este instrumento é dividido em duas partes, A e B –, em que a primeira se destina a avaliar o último ano da relação afetiva atual e a segunda tem como referência as relações afetivas anteriores dos sujeitos. Cada parte é composta por 21 itens, aos quais os participantes respondem relativamente à prevalência de comportamentos violentos ocorridos no último ano (perpetrados e sofridos) no contexto da sua relação amorosa. Os 21 itens que compõem cada uma das partes compreendem comportamentos abusivos a nível físico (e.g., bofetadas, pontapés), emocional (e.g., difamação ou insultos) e coercivo/de intimidação (e.g., destruição de objetos para amedrontar, impedimento de contactos com outras pessoas).

É solicitado aos sujeitos que refiram a) se nunca os adotaram, se os adotaram uma única vez, ou se os adotaram mais do que uma vez; b) se o parceiro os adotou, se os adotou uma única vez, ou se os adotou mais do que uma vez. De referir que em ambas as partes, o 21.º item é composto por um espaço em branco, que o sujeito irá preencher com um comportamento que tenha vivenciado e que não conste da escala. Há ainda uma informação

adicional a ser preenchida pelos sujeitos que tenham apontado algum dos comportamentos apresentados no inventário, que indica o tipo de relação mantida com a pessoa em causa (casamento/união de facto, divórcio/separação, ligação afetiva sem coabitação).

Este inventário é de preenchimento individual ou em grupo, sem tempo limite. Não existe uma cotação da escala, uma vez que se trata de um inventário comportamental, pelo que a análise deve ser feita item a item, examinando a frequência de adoção dos comportamentos identificados.

## **Resultados**

Este ponto dedicar-se-á à apresentação dos resultados como principal intuito de responder aos objetivos específicos definidos e as hipóteses estruturadas. É necessário distinguir os resultados relacionados diretamente com as questões que guiaram a investigação, dos resultados complementares que podem facilitar uma melhor compreensão do fenómeno ou de certos aspetos deste. A avaliação em termos descritivos apoia-se na interpretação das frequências absolutas e relativas, tendo como suporte as medidas de tendência central (média e moda) e de dispersão (desvio de padrão) (Fortin, 2003 as cited in Fonseca, 2010).

A caracterização da amostra, em relação às diferentes variáveis de interesse, baseou-se numa análise descritiva. No que concerne à análise correlacional, como forma de averiguar o tipo de relação entre as variáveis, recorreu-se a um teste não paramétrico, Spearman sendo que previamente foi avaliada a não normalidade das distribuições, utilizando-se o teste de Kolgomorov-Smirnov.

Assim, inicialmente vão ser exploradas as análises descritivas das variáveis em estudo, onde poderemos ir de encontro a um dos nossos objetivos “I) Analisar se a amostra se percebe como predominantemente aceite ou rejeitada pelo par amoroso”. Analisando a tabela 1 podemos afirmar que a nossa amostra se percebe como predominantemente aceite pelo par amoroso uma vez que na nossa amostra a média foi inferior ao ponto médio (60) da escala global indicando que os participantes se percebem como predominantemente aceites pelo par amoroso dado que valores mais elevados indicam maior percepção de rejeição.

Tabela 1

*Análise Descritiva da Variável aceitação rejeição por parte do par amoroso*

Dimensões das escalas	Mínimo		Máximo		Média		Desvio Padrão	
	H	M	H	M	H	M	H	M
Carinho	16.00	15.00	32.00	32.00	21.84	24.02	4.16	5.04
Hostilidade/ Agressividade	6.00	6.00	18.00	21.00	10.16	9.76	3.44	3.87
Indiferença/ Negligência	6.00	6.00	19.00	18.00	12.36	11.50	3.16	3.65
Rejeição Indiferenciada	4.00	4.00	14.00	13.00	8.24	7.70	2.65	2.59
Total Rejeição Parceiro Intimo	24.00	24.00	69.00	66.00	48.92	44.88	11.28	12.84

Com base nos dados apresentados na tabela 2 e como resposta ao nosso objetivo II) Identificar os atos violentos mais prevalentes sofridos nas relações atuais, podemos verificar que existem relatos de comportamento quer sofridos, quer perpetrados, no grupo dos homens. Destacam-se assim como comportamentos mais sofridos Impedir o contato com outras pessoas (16 %), Partir e ou Danificar coisas intencionalmente (12%) na relação atual e Partir e ou Danificar coisas intencionalmente (20%), Dar empurrões violentos (16%) na relação passada. Relativamente aos comportamentos mais perpetrados verificamos comportamentos como; Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir (16%) e Dar empurrões violentos (12%) na relação atual e Partir ou danificar coisas intencionalmente (20%) e Dar empurrões violentos (16%) na relação passada.

Tabela 2

*Prevalência dos atos violentos nas relações atuais e passadas perpetradas e sofridos por homens*

Comportamentos Violentos	Relação atual		Relação passada	
	Comportamentos perpetrados	Comportamentos Sofridos	Comportamentos perpetrados	Comportamentos Sofridos
	% (N)	% (N)	% (N)	% (N)
1.Puxar os cabelos com força	8.0% (2)	0.0%(0)	8.0%(2)	12%(3)
2.Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir	16.0% (4)	8.0%(2)	8.0%(2)	8.0%(2)
3.Dar uma Bofetada	8.0% (2)	4.0%(1)	12.0% (3)	12.0% (3)
4.Apertar o pescoço	0.0% (0)	0.0%(0)	4.0%(1)	0%(0)
5.Ameaçar com armas	0.0% (0)	0.0%(0)	4.0%(1)	0%(0)
6.Partir ou danificar coisas intencionalmente	8.0% (2)	12.0%(3)	20.0%(5)	20.0%(5)
7.Acordar a meio da noite, para causar medo	0.0% (0)	4.0%(1)	4%(1)	0%(0)
8.Dar um murro	0.0% (0)	0.0%(0)	0%(0)	0%(0)
9.Impedir o contato com outras pessoas	8.0% (2)	16.0%(4)	12.0% (3)	12.0% (3)
10.Atirar com objetos à outra pessoa	8.0% (2)	4.0%(1)	12.0% (3)	8.0%(2)
11.Dar uma Sova	0.0% (0)	0.0%(0)	0%(0)	0%(0)
12.Dar pontapés ou cabeçadas	0.0% (0)	0.0%(0)	0%(0)	0%(0)
13.Dar empurrões violentos	12.0% (3)	4.0%(1)	16.0%(4)	16.0%(4)
14.Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo	4.0% (1)	8.0%(2)	8.0%(2)	8.0%(2)
15.Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão	0.0% (0)	0.0%(0)	4.0%(1)	0%(0)
16.Causar ferimentos que não precisam de assistência médica	0.0% (0)	0.0%(0)	0%(0)	0%(0)
17. Causar ferimentos que necessitem de assistência médica	0.0% (0)	0.0%(0)	0%(0)	0%(0)
18.Forçar a outra pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade	0.0% (0)	0.0%(0)	0%(0)	0%(0)
19.Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as	0.0% (0)	0.0%(0)	0%(0)	0%(0)

despesas quotidianas

20.Gritar ou ameaçar, para manter medo	8.0% (2)	8.0%(2)	8.0%(2)	8.0%(2)
21. Outros...	0.0% (0)	0.0%(0)	0%(0)	0%(0)

Com base nos dados apresentados na tabela 3 e como resposta ao nosso objetivo II) Identificar os atos violentos mais prevalentes sofridos nas relações atuais, podemos verificar que existem no grupo das mulheres relatos de comportamento quer sofridos, quer perpetrados. Destacam-se como comportamentos sofridos Partir ou Danificar coisas intencionalmente (20.6%) e Impedir o contato com outras pessoas (20.5%), Puxar os cabelos (17.6%), Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir (17.6%), Dar empurrões violentos (14.7%) na relação atual e Insultar ou difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir (17.6%), Impedir o contato com outras pessoas (14.7%), Gritar ou ameaçar, para manter medo (14.7%) na relação passada. Porém podemos ainda analisar os resultados para os comportamentos perpetrados sobressaem assim Gritar e ameaçar para meter medo (8.8%) na relação atual, Gritar e ameaçar para meter medo (8.8%) na relação passada

Tabela 3

*Prevalência de atos violentos nas relações atuais e relações passadas perpetrados e sofridos pelas Mulheres*

Comportamentos Violentos	Relação atual		Relação passada	
	Comportamentos perpetrados	Comportamentos Sofridos	Comportamentos perpetuados	Comportamentos Sofridos
	% (N)	% (N)	% (N)	% (N)
1.Puxar os cabelos com força	0% (0)	17.6% (6)	2.9 % (1)	11,8% (4)
2.Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir	2.9%(1)	17.6% (6)	8.8% (3)	17.6%(6)
3.Dar uma Bofetada	2.9%(1)	8.8% (3)	5.9% (2)	8.8%(3)
4.Apertar o pescoço	0%(0)	0% (0)	0%(0)	2.9%(1)
5.Ameaçar com armas	0%(0)	8.0% (3)	0% (0)	5.8%(2)
6.Partir ou danificar coisas intencionalmente	0%(0)	20.6% (7)	2.9% (1)	11.7% (4)

7.Acordar a meio da noite, para causar medo	0%(0)	2.9%(1)	0%(0)	5.8% (2)
8.Dar um murro	0%(0)	0%(0)	0%(0)	2.9% (1)
9.Impedir o contato com outras pessoas	0%(0)	20.5%(7)	5,9% (2)	14.7% (5)
10.Atirar com objetos à outra pessoa	2.9%(1)	11.8%(4)	2,9% (1)	11.7 % (4)
11. Dar uma sova	0%(0)	2.9(1)	0%(0)	2.9%(1)
12. Dar pontapés ou cabeçadas	0%(0)	0%(0)	0%(0)	2.9% (1)
13. Dar empurrões violentos	0%(0)	14.7%(5)	5.8%(2)	11.8%(4)
14.Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo	2.9%(1)	2.9%(1)	8.8%(3)	0%(0)
15. Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão	0%(0)	0%(0)	0%(0)	0%(0)
16.Causar ferimentos que não precisam de assistência médica	0%(0)	0%(0)	0%(0)	0%(0)
17. Causar ferimentos que necessitam de assistência médica	0%(0)	0%(0)	0%(0)	0%(0)
18. Forçar a outra pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade	0% (0)	0%(0)	0%(0)	0%(0)
19. Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidianas	0%(0)	0%(0)	0%(0)	0%(0)
20. Gritar ou ameaçar, para manter medo	8.8% (3)	8.8%(3)	11.8%(4)	14.7%(5)
21. Outros...	0%(0)	0%(0)	0%(0)	0%(0)

Devido á necessidade de satisfazer o nosso objetivo “III) Verificar se a violência no namoro está relacionado com as crenças acerca da violência conjugal” assim de modo a encontrar resultados que respondam ao problema 1 “Será que a prevalência da violência no namoro em jovens que vivem em famílias que se encontram em situação de pobreza e exclusão social, está relacionada com as crenças acerca da legitimação da violência conjugal?” e à nossa hipótese 1: Existe uma correlação positiva entre os níveis de prevalência da violência no namoro e as crenças acerca da violência conjugal, recorreremos à Correlação de Spearman, no sentido de descobrirmos a resposta para o nosso problema correlacionou-se o índice total da rejeição-aceitação do parceiro íntimo percebido nas relações atuais com o índice total das crenças sobre a violência conjugal.

Podemos verificar na tabela 4, que existe uma relação entre as variáveis estudadas no IPARQ com as variáveis correspondentes ao ECV. Iniciando a análise focando no grupo dos

homens verifica-se que a dimensão de carinho tem uma correlação negativa com as seguintes variáveis; agressão atual, vitimação passada, e por último a vitimização atual, sugerindo que maior percepção de carinho pelo par amoroso está associada a menores níveis de violência e de legitimação de violência por causas externas. Existem ainda relações positivas entre a hostilidade e a agressão passada e crenças de legitimação da pequena violência, da legitimação pela conduta da mulher, pelas causas externas e pela privacidade familiar e por último com a escala global das crenças. Relativamente à dimensão indiferença verificamos que existe uma relação positiva com as variáveis de legitimação de violência, nomeadamente pequena violência, conduta da mulher, causas externas, privacidade familiar e a escala global das crenças.

Relativamente à dimensão da rejeição indiferenciada verificamos uma relação positiva com as variáveis de legitimação, nomeadamente pequena violência, conduta da mulher, causas externas, privacidade familiar e a escala global das crenças.

Podemos assim concluir que existe uma relação entre as crenças e a aceitação-rejeição e a aceitação-rejeição e as práticas de violência.

Ainda com base na tabela 4 podemos verificar a existente da relação entre as variáveis ECVC e a Agressão Atual, podemos constatar que existe uma correlação positiva com as variáveis de legitimação, como a pequena violência, privacidade familiar e a escala global das crenças, assim como podemos ainda observar uma correlação positiva semelhante entre a ECVC e a Vitimação Atual.

Se remetermo-nos para as relações passadas (também referenciadas e apresentadas na tabela 4) já existia uma correlação positiva entre as variáveis ECVC e Agressão Passada bem como na relação entre a ECVC e Vitimação Passada.

Podemos assim concluir que a agressão e a vitimação são maiores quando os homens mantêm mais crenças sobre a legitimação da violência no namoro.

Olhando para os resultados obtidos do grupo das mulheres, podemos verificar ainda com apoio da tabela 4, que existe uma relação entre as variáveis estudadas no IPARQ com as variáveis correspondentes ao ECVC. Assim constatamos que a dimensão carinho tem uma relação negativa com as seguintes variáveis referentes às dimensões da legitimação de violência nomeadamente; pequena violência, causas externas e a escala global das crenças. Existem ainda relações positivas entre as variáveis mencionadas, abordando assim a dimensão hostilidade, dimensão indiferença e a dimensão rejeição indiferenciada verificamos que ambas partilham uma relação positiva com as variáveis correspondentes as dimensões relativas a

legitimação da violência assim sendo tem a variável que se refere a pequena violência, conduta da mulher, causas externas, privacidade familiar e a escala global das crenças.

À semelhança do grupo masculino podemos novamente verificar que existe uma relação entre as crenças e a aceitação-rejeição e a aceitação-rejeição e as práticas de violência.

É possível verificar ainda uma relação positiva entre a agressão atual e as variáveis relacionadas com a legitimação da violência nomeadamente as causas externas a conduta da mulher, privacidade familiar e por último a escala global das crenças.

A variável agressão passada tem uma relação positiva com as variáveis; vitimização atual, vitimização passada, pequena violência, conduta mulher, causas externas, privacidade familiar e o valor global das crenças de legitimação de violência conjugal. Podemos verificar ainda uma relação positiva entre a variável que se refere à vitimização passada, com as seguintes variáveis, indiferença, rejeição indiferenciada, vitimização atual, agressão passado, pequena violência, conduta da mulher, causas externas e a privacidade familiar.

Podemos assim concluir que da mesma forma que se verificou no grupo masculino, podemos constatar também que no grupo feminino também existe uma relação entre a agressão e a vitimização são maiores quando as mulheres mantêm mais crenças sobre a legitimação da violência no namoro.

Tabela 4

*Correlações das variáveis em estudo*

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.
1. Carinho	---	-.56**	-.54**	-.23	-.71**	-.50*	-.64*	-.50	-.64*	-.36	-.31	-.37	-.30	-.34
2. Hostilidade	-.53**	---	.74**	.65**	.91**	.37	.49	.54*	.49	.69**	.65**	.63**	.63**	.68**
3. Indiferença	-.74**	.87**	---	.74**	.86**	.37	.53	.47	.53	.61**	.58**	.65**	.54**	.61**
4. Rejeição indiferenciada	-.58**	.76**	.84**	---	.72*	.22	.41	.50	.41	.55**	.60**	.62**	.58**	.62**
5. IPARQ global	-.78**	.88**	.97**	.89**	---	.46*	.62*	.59*	.62*	.65**	.62**	.65**	.60**	.66**
6. Agressão actual	-.28	.32	.36*	.25	.33	---	.63*	.72*	.63*	.50*	.46*	.47*	.52**	.50*
7. Vitimização actual	-.46*	.44*	.57*	.55**	.58**	.26	---	.86**	.99**	.71**	.69**	.70**	.72**	.69**
8. Agressão passada	-.42	.43	.52*	.51*	.54*	.34	.94**	---	.86**	.84**	.84**	.81**	.87**	.83**

9. Vitimização passada	-.46*	.44*	.57**	.55**	.58**	.26	.99**	.86**	---	.71**	.69**	.70**	.72**	.69**
10. Pequena violência	-.39*	.48**	.53**	.50**	.51**	.45**	.54*	.84**	.71**	---	.96**	.96**	.95**	.98**
11. Conduta mulher	-.26	.52**	.57**	.52**	.53**	.47**	.69**	.84**	.69**	.96**	---	.93**	.98**	.97**
12. Causas externas	-.38*	.59**	.63**	.64**	.64**	.31	.70**	.81**	.70**	.96**	.93**	---	.91**	.98**
13. Privacidade familiar	-.18	.44**	.45**	.37*	.42*	.46**	.72**	.87**	.72**	.95**	.98**	.91**	---	.96**
14. ECVC global	-.41*	.58**	.64**	.58**	.62*	.45**	.69**	.83**	.69**	.98**	.97**	.98**	.96**	---

**Nota: coeficientes acima da diagonal dizem respeito a homens; coeficientes abaixo da diagonal dizem respeito a mulheres**

\*\* Correlação Significativa ao nível 0.01 (2-tailed)

\* Correlação significativa ao nível de 0.05 (2-tailed)

Em seguimento de dar resposta ao nosso problema 2, onde se pretende verificar se existe diferenças significativas entre os diferentes géneros acerca da perceção das crenças da violência conjugal. Recorrendo ao uso do teste não paramétrico Mann-Whitney, podemos verificar na tabela 5 que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as diferentes variáveis em consideração.

Tabela 5

*Diferenças entre os géneros*

Dimensão	Sexo	N	Posto médio	Soma de postos	U
Carinho	M	25	25.62	640.50	315.50
	F	34	33.22	1129.50	
Hostilidade	M	25	32.12	803.00	372.00
	F	34	28.44	967.00	
Indiferença	M	25	35.52	813.00	362.00
	F	34	28.15	957.00	
Rejeição indiferenciada	M	25	32.56	814.00	361.00
	F	34	28.12	956.00	

IPARQ global	M	25	32.92	823.00	352.00
	F	34	27.85	947.00	
Agressão atual	M	25	30.98	774.50	400.50
	F	34	29.28	995.50	
Vitimização atual	M	13	18.54	241.00	123.00
	F	21	16.86	354.00	
Agressão passada	M	14	19.29	270.00	129.00
	F	21	17.14	360.00	
Vitimização passada	M	13	18.54	241.00	123.00
	F	21	16.86	354.00	
Pequena violência	M	25	31.34	783.50	391.50
	F	34	29.01	986.50	
Conduta mulher	M	25	31.74	793.50	381.50
	F	34	38.72	976.50	
Causas externas	M	25	33.06	826.50	348.50
	F	34	27.75	943.50	
Privacidade familiar	M	25	30.94	773.50	401.50
	F	34	29.31	996.50	
ECVC global	M	25	31.28	782.00	393.00
	F	34	29.06	988.00	

## 6 Discussão dos resultados

Inicialmente estabeleceu-se como objetivos de estudo, investigar a prevalência da violência no namoro em jovens que vivem em situação de pobreza e exclusão social. Em prol de satisfazer as necessidades da nossa investigação, elaboramos objetivos o que podemos fazer uma breve abordagem dos nossos objetivos, assim como os nossos resultados para os satisfazer. O nosso objetivo I, estava relacionado com a perceção da nossa amostra em relação à aceitação-rejeição pelo par amoroso. Com base nos nossos resultados concluímos que a nossa amostra apesar de reportar atos violentos sofridos e perpetrados, se percecionam como predominantemente aceite pelo seu par amoroso. Focando-nos assim nos atos violentos sofridos mais prevalentes nas relações atuais, diz respeito ao nosso objetivo II, na nossa amostra o grupo masculino reporta como comportamentos mais sofridos Impedir o contato

com outras pessoas e Partir e ou Danificar coisas intencionalmente. No grupo feminino verificamos como comportamentos sofridos o Partir ou Danificar coisas intencionalmente, Impedir o contato com outras pessoas, Puxar os cabelos, Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir e Dar empurrões violentos.

No entanto, para que conseguíssemos perceber se a violência no namoro estava inerente as crenças acerca da violência conjugal delineamos os nossos objetivos III e IV, onde nos debruçamos sobre a possível associação entre estas duas variáveis, remetemos aqui para a nossa hipótese 1 que está inerente ao nosso problema 1, onde pretendemos dar resposta ao nosso objetivo III e ao nosso problema 1, verificar a existência da correlação positiva entre os níveis de prevalência da violência no namoro e as crenças acerca da violência conjugal.

Neste sentido verificamos, que existe uma relação significativa e positiva entre as variáveis relacionadas com a legitimação da violência e as variáveis relacionadas com as crenças acerca do fenómeno. Perante a constatação destes resultados, consentir a nossa hipótese 1, uma vez que se concluiu a existência de uma relação positiva entre as variáveis, legitimação da violência e as crenças associada á mesma. Assim, podemos afirmar que quanto maior o nível de crenças associadas à prática da violência no namoro, maior será a legitimação da sua prática, ou seja, existe uma associação entre estas duas variáveis.

Para além dos nossos resultados confirmarem a nossa hipótese 1, os nossos resultados vão de encontro com os resultados presentes na literatura existente segundo Paiva e Figueiredo (2004), as crenças encontram-se associadas ao fenómeno e leva á culpabilização da vítima e á desresponsabilização do agressor (as cited in Ferreira, 2011).

No seguimento de responder ao problema 2, que consiste na verificação da existência de diferenças significativas, entre sexo feminino e masculino, relativamente às crenças sobre violência conjugal, para este problema foi elaborada uma hipótese 2 onde se pretendia verificar se os participantes do sexo masculino têm mais crenças relativamente a legitimidade da violência conjugal do que os de sexo feminino. Em lógica de dar resposta foi possível verificar que não existem qualquer tipo de diferenças significativas entre os diferentes géneros o que não corrobora os resultado do estudo de Cristóvão 2012, onde o género masculino apresentava diferenças significativas quando comparado com o género feminino. Como tal, somos obrigados a rejeitar a nossa hipótese 2, uma vez que não se verifica diferenças significativas entre as variáveis de estudo desta hipótese relativamente à nossa amostra em questão.

Referindo-nos à prevalência da violência no namoro que é de ressalvar que é o nosso tema de estudo, esta é notória, embora não exista diferenças significativas entre o género

feminino e o masculino, uma vez que ambos reportam atos violentos sofridos e perpetrados nas relações atuais, averiguarmos assim que, existe prevalência de violência no namoro na população em estudo, embora relativamente a mesma quando se refere à aceitação interpessoal os participantes se percecionem predominantemente aceites pelo par amoroso.

Para dar continuidade ao nosso estudo elaboramos o nosso problema 3, para verificar se existe diferenças significativas entre os diferentes géneros da amostra relativamente à aceitação interpessoal, através dos resultados obtidos podemos concluir que não existe diferenças entre os diferentes géneros

Relativamente à análise dos níveis de aceitação- rejeição pelo par amoroso não existe diferenças significativas entre os diferentes géneros, o que nos leva á aceitação da nossa hipótese 3, que afirma que não existem diferenças significativas entre os diferentes sexos relativamente à perceção de rejeição por parte do par amoroso.

### **Parte III- Conclusão**

O presente estudo serve para elucidar que as crenças acerca da violência conjugal podem influenciar os nossos comportamentos, sendo como, produto da socialização interpretamos o mundo através de crenças interiorizadas desde de muito cedo.

A partir dos resultados obtidos é possível concluir que a legitimação da violência está relacionada com as crenças acerca da violência. Uma vez que a nossa população reporta comportamentos violentos sofridos e perpetrados em ambos os grupos, estes percecionam.se como sendo predominantemente aceites pelo seu par amoroso, poderá estar relacionada positivamente com as crenças envolta deste fenómeno.

As crenças contribuem para a desculpabilização e desresponsabilização do agressor por parte da vítima. É importante salientar que a nossa amostra vive numa situação familiar mais propício a desencadear a atos violentos uma vez que se encontram a viver com carência económica, e sendo este uns dos fatores de risco para a prática de violência.

O estudo apesar de ser inovador, apresenta limitações primeiramente a amostra não é muito alargada, deixa de fora todo resto da população que beneficia de apoio mas que não se encontra na zona norte de Portugal, para além de não ter uma grande sustentação a nível de revisão de literatura.

Espera-se que, o estudo contribua para melhor compreender o impacto que as crenças que nos são transmitidas pelo nosso meio de socialização são fatores determinantes, para as decisões e visões da nossa vida durante o nosso ciclo vital.A título de sugestão de um novo estudo, no nosso entender seria interessante administrar um estudo semelhante ao exposto

partindo assim das mesma variáveis de estudo, com problemas e hipóteses equiparadas, estudo que tivesse como objetivo verificar se existem diferenças de resultados com população que beneficia da prestação de RSI mas na região Sul de Portugal.

## Referências

- Almeida, M. (2009). *Violência Conjugal e álcool: (in) existência de uma relação causal?* Tese de mestrado em Medicina Legal e Ciências forenses apresentada á Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Almeida, J., Machado, F., Capucha, L., & Torres, A. (1994). *A Introdução à Sociologia*. Lisboa. Universidade Aberta
- Anacona, C. (2013). Prevalencia y tipos de maltrato en el noviazgo en adolescentes y adultos jóvenes. *Terapia Psicológica 31* (2), 143-154.
- APAV, (2011). Estatística APAV Relatório Anual 2012. Unidade de estatística. Lisboa.
- APAV, (2012). Estatística APAV Relatório Anual 2012. Unidade de estatística. Lisboa.
- APAV, (2013). Estatística APAV Relatório Anual 2013. Unidade de Estatística. Lisboa.
- Botelho, N. (2012). *Auto-estima, Conhecimento do par amoroso e estratégias de coping: Perceção dos jovens adultos sobre o apoio à relação amorosa*. Tese de mestrado integrado em psicologia apresentado à Universidade de Lisboa, Lisboa
- Borba, A. & Lima, H. (2011). Exclusão e inclusão social nas sociedades modernas: um olhar sobre a situação em Portugal e na União Europeia. *Serviço de Sociologia, 106*, 219-240
- Callahan, M., Tolman, R. & Saunders, D. (2003). Adolescent Dating Violence Victimization and Psychological Well-Being. *Journal of Adolescent Research, 18*, 664-681, doi:10.1177/0743558403254784
- Capucha, L. ; Guerreiro, M.; Bernardo, J.; Madelino, F.; Calado, A.; Correia, S. & Silva, A.(2005). *Formulação de Propostas de Concepção Estratégica das Intervenções Operacionais no Domínio da Inclusão Social*. Protocolo entre a Direcção Geral de Desenvolvimento Regional e o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa Centro de Estudos de Sociologia do ISCTE

Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, no.1 (XXIV), 485-493

Caridade, S., Machado, C., & Vaz, F. (2007). Violência no namoro: Estudo exploratório com jovens estudantes. *Psychologica*, 46, 197- 214

Caridade, S. & Machado, C. (2008). Violência Sexual no Namoro: Relevância da Prevenção. *Psicologia*, Vol. XXII (1), 77-104.

Caridade, S. (2008). *Violência nas relações de intimidade: comportamento e atitudes dos jovens*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga.

Caridade, S., & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: relevância da prevenção. *Psicologia*, 22 (1), 77-104.

Carmo, P., & Alvarenga, P. (2012). Práticas educativas coercivas de mães de diferentes níveis socioeconômicos. *Estudos de Psicologia*, 17 (2), 191-197.

Concello, A., Antoni, C., & Koller, S. (2003). Práticas Educativas, Estilos Parentais e abuso Físico no Contexto Familiar. *Psicologia em Estudo*, (8), 45-54. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa07.pdf> Cristóvão, C. (2012). *Quanto mais me bates mais gosto de ti: Um estudo exploratório sobre a Violência no namoro*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da vida, Lisboa

Dahlberg, L., & Krug, E. (2006). Violência: um problema global de saúde pública. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, (11), 1163-1178. Retirado de <http://www.redalyc.org/pdf/630/63013510007.pdf>

Dessen, A., & Polonia, C. (2007). A família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17 (36), 21-32. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>

Diário da República, 1.<sup>a</sup> série - Nº 165 – 27 de Agosto. Rendimento Social de Inserção. Portaria 257/2012.

Dias, O. (2011). *Um olhar sobre a família na perspectiva sistémica o processo de comunicação no sistema familiar*. Gestão e Desenvolvimento, 19, 139-156.

Diogo, F. (2004). Quando o Estado e os cidadãos não se entendem: o caso do programa de inserção do rendimento mínimo garantido. Atas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Ação. Atelier: Exclusões. Universidade do Porto.

Dwairy, M. (2010). *Parental Acceptance-rejection: a fourth Cross- cultural Research on Parenting and Psychological Adjustment of children*. *J Child Fam Stud*,19,30-35 doi: 10.1007/s10826-009-9338-y

Ferreira, M. (2011). *A violência no namoro: Estudo exploratório de caracterização das reacções dos adolescentes face á violência*. Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade do Minho, Braga.

Feist, J. & Feist, G. (2006). Teorias da Personalidade. Brasil: McGraw-Hill.

Fonseca, A. (2009). *Os serviços de apoio e a sua influência na preservação da unidade familiar: O projeto família*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da educação, Lisboa.

Fonseca, J. (2010). *Qualidade de vida dos alunos de enfermagem: Estudo numa amostra de estudantes da Universidade Fernando Pessoa*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Fernando Pessoa, Porto.

Gómez, E. & Kotliarenco, M. (2010). Resiliência familiar: un enfoque de investigación e intervencion com famílias multiproblemáticas. *Revista de Psicologia* 19(2), 103-132

Gomide, P., Salvo, C., Pinheiro, D. & Sabbag, G. (2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. *Psico-USF*, 10 (2), 169-178

Jewkes, R., Sem, P., García-Moreno, C. (2002). "Sexual violence". *In*: E. G Krug et al. (Eds.) World report on violence and health. Genebra, Suíça: Organização Mundial da Saúde.

Keevers, L., & Abuodha, L. (2012). Social Inclusion as na unfinished verb: A practice- based approach. *Journal of academic Language & Learning* 6 (2) A42-A59.

Koller, S. & Poletto, M. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e protecção. *Estudos de Psicologia*, 25 (3),405-415

Mendes, E., & Cláudio, V. (2010). Crenças e atitudes dos estudantes de enfermagem, engenharia e psicologia acerca da violência domestica. Actas do VII Simposio Nacional de Investigação em Psicologia. Universidade do Minho, Portugal.

Malik, F. & Rohner, R. (2012). Spousal Rejection as a Risk Factor for Parental Rejection of Children. *JFam Vol.* 27,295-301. doi 10.1007/s10896-012-9425-5

Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(1), 55-75.

Machado, C., Gonçalves, M. & Matos, M. (2003). Práticas educativas parentais e violência: Um estudo na região Norte. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas.

Machado, C., Matos, M. & Gonçalves, M. (2008). Manual da escala de crenças sobre Violência conjugal (E.C.V.C.) e do inventário de violência conjugal (I.V.C.) (2ª edição). Braga: Psiquilíbrio

Machado, L. M. (2010). Crenças e Representações Sociais dos Adolescentes sobre a Violência Interpessoal. *Dissertação de Mestrado em Psicologia da Saúde e Intervenção Comunitária*. Universidade Fernando Pessoa do Porto. Escola de Estudos Pós-Graduados e de Investigação.

Martinez, L. & Ferreira, A, (2008). *Análise de Dados com SPSS: Primeiros passos*. (2ª Edição). Escolar Editora: Lisboa

Mendes, E., & Cláudio, V. (2010). Crenças e atitudes dos estudantes de enfermagem, engenharia e psicologia acerca da violência doméstica. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Universidade do Minho, Portugal.

Mouzos, J. & Makkai, T. (2004). Women's experiences of male violence in Australia: Findings from the Australian component of the International Violence against Women Survey (IVAWS) *Research and Public Policy Series, 56*. Canberra: Australian Institute of Criminology.

Pacheco, T., Teixeira, M., & Gomes, W. (1999). Estilos Parentais e Desenvolvimento de Habilidades Sociais na Adolescência. *Psicologia: Teoria de Pesquisa 15* (2), 117-126  
Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v15n2/a04v15n2.pdf>

Pacheco, V. (2009). *Entre a fobia da cigarra e a apologia da formiga: a Inclusão Activa e os Esquemas de Rendimento Mínimo na Europa*. Dissertação de Mestrado em Políticas Locais e Descentralização, Faculdade de Economia, Coimbra

Perista, P. & Baptista, I. (2010). A estruturalidade da Pobreza e da Exclusão Social na sociedade portuguesa- Conceitos, Dinâmicas ed desafios para a acção. *Fórum Sociológico, 20*, 39-46.

Reis, I. (2012). *Intervenção social com famílias multiproblemáticas: Diálogos entre a sistémica e a mediação*. Dissertação de Mestrado em Mediação e Interculturalidade, Universidade Fernando Pessoa, Porto

Rohner, R. (1975). *They Love Me, They Love Me Not: A Worldwide Study of effects of Parental Acceptance and Rejection*. New Haven, CT: HRAFLEX Press

Rohner, R. (1986). *The warmth dimension: Foundations of Parental Acceptance-Rejection Theory*. Library of congress Cataloging-in-Publication Data: United States of America

Rohner, R. & Veneziano, R. (2001). The importance of father love: History and contemporary evidence. *Review of General Psychology*, 5, 382-405.

Rohner, R. (2010). Perceived teacher acceptance, Parental Acceptance, and the Adjustment, and Behavior of School-Going Youths Internationally. *SAGE Publications*. Vol. 44, no 3, 211-221. doi: 10.1177/1069397110366849

Rohner, R., Khaleque, A. & Cournoyer, D. (2012). *Introduction to Parental Acceptance-Rejection Theory, Methods, Evidence, and Implications*. University of Connecticut.

Sá, A. (1999). Algumas Questões Polêmicas Relativas à Psicologia da Violência. *Psicologia: Teoria e Prática*, 1(2), 53-63

Sarti, C. (2004). A família como ordem simbólica. *Psicologia USP*, 17 (3), 11-28. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n3/24603.pdf>

Social,I. (2013).Guia Prático- Rendimento Social de Inserção

Ventura, M., Ferreira, M., & Magalhães, M. (2013). *Violência nas Relações de Intimidades: Crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário*. *Revista de Enfermagem Referência* (11), 95-103.

Walsh,F.(2012). *Normal Family Process: Growing Diversity and Complexity*.A Division of Guilford Publication,Inc. New York.

ANEXOS

ANEXO I

Folha de Rosto (Inquérito)



Eu, Alexandra Sofia Duarte Santos, discente do ISMAI (Instituto Superior da Maia) apresento o seguinte questionário, no âmbito da realização da Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e da Educação, com a orientação da Professora Doutora Márcia Machado e Professor Doutor Francisco Machado, ambos docentes da Instituição acima referenciada.

*Os questionários estão organizados por conjuntos de frases que tendem a descrever a forma como se relacionam, comportam com os seus parceiros amorosos, bem como a sua opinião acerca de maus tratos e conflitos dentro de casa.*

Os participantes podem desistir a qualquer momento da participação do estudo.

É importante ainda salientar que todo o tipo de informação recolhida no presente questionário será totalmente confidencial e anónima.

Obrigada pela Colaboração!

Alexandra Santos

ANEXO II

Questionário Sociodemográfico

## Questionário Sociodemográfico

Este questionário surge no âmbito da recolha de dados para o desenvolvimento de estudo, com o fim da elaboração de *Dissertação de Mestrado, na área de Psicologia Escolar e da Educação*, é dirigido aos adolescentes. Garante a confidencialidade.

Em baixo encontra-se algumas questões onde tens que colocar uma  onde consideras que se adapta a ti.

**1. Sexo**

Masculino

Feminino

**2. Idade:** \_\_\_\_\_

**3. Tipo de Habitação:**

Moradia

Apartamento

Habitação Social

**4. Com quem vives**

Pais

Mãe

Pai

Avós

Avó

Avô

Outro

**5. Escola que frequentas:** \_\_\_\_\_

**6. Ano que frequentas:**

7ª Ano

8ª Ano

9º Ano

10º Ano

11ª Ano

12º Ano

Outro: \_\_\_\_\_

**7. Namoras?**

Sim\*

Não

\*Se sim menciona há quanto tempo? \_\_\_\_\_

**8. O teu namorado, em que tipo de habitação mora?**

Moradia

Apartamento

Habitação Social

**9. Como avalias o teu namoro até hoje**

Tranquilo

Por vezes violento (com alguns episódios de agressividade)

Violento (Vários episódios agressivos)